



Futebol pelo
Futebol

O futebol pelo Futebol

Copyright © 2023 por **João Manuel Pais de Almeida**

Futebol pelo futebol

Coordenação editorial, diagramação, revisão e capa:

J P Dalmeida

Índice

AMBIENTE INICIAL	7
MATA DO OLIVAL	13
AS PERSONAGENS INICIAIS	17
A IDEIA	41
PRIMEIROS PASSOS	47
Estatutos	48
Equipamento	50
Emblema	52
A CONVOCATÓRIA	55
A REUNIÃO	59
PERÍODO DE REFLEXÃO	77
ARRANQUE DO CLUBE	97
PRIMEIRO TREINO.	105
INICIO DOS TREINOS	107

PRIMEIRO JOGO	117
SEGUNDA DIVISÃO DISTRITAL	127
PRIMEIRA DIVISÃO DISTRITAL	161
TERCEIRA DIVISÃO NACIONAL	187
SEGUNDA DIVISÃO NACIONAL	215
PRIMEIRA DIVISÃO NACIONAL	255
PROPOSTA PARA ARBITRAGEM	269
CONSAGRAÇÃO E CONTINUIDADE	283
FIM	310

AMBIENTE INICIAL

Aqueles dias seguiam quentes com um sol que também não era comum para os primeiros dias da Primavera.

Os dias de inverno cheios de chuva, vento e frio ainda estavam na memória de todos. Os guarda-chuva, que muitas vezes, devido ao forte vento não serviam para nada, os sobretudos, os cachecóis, as camisolas bem quentes, as meias, as botas e as gabardinas que se tornaram utensílios indispensáveis, porque podiam nos proteger dos ventos ciclónicos.

O que realmente apetecia nesses dias era ficar no quarto bem aquecido a olhar para a rua onde aqueles que não tinham a mesma sorte e tinham de andar na rua aquelas horas e com aquele frio. As pessoas protegiam-se da melhor maneira possível para que o vento e a chuva não entrassem até à sua pele porque se isso acontecesse nada os impedia de enregelar até os ossos. Nessa altura parece que o nosso corpo fica revoltado e não quer obedecer às nossas instruções. Os tremores do frio atrofiam completamente o nosso raciocínio e acabamos por fazer coisas completamente disparatadas que em situações normais, jamais as faríamos.

Isso faz-me lembrar aquele acidente horrível que assisti ali para os lados da Avenida do Rio de Janeiro com

Futebol pelo futebol

o cruzamento com a avenida do Brasil, em Lisboa, quando um carro, por causa do gelo perdeu completamente o controlo e foi atropelar um jovem que estava preparado para passar a avenida deixando-o com uma fratura exposta horrível de se explicar e muito mais horrível de se ver. Eu fiquei ali a tentar falar com o senhor evitando olhar para a fratura exposta onde se via nitidamente o osso, pois impressiono-me com facilidade com esse tipo de situações. Mas os cinco minutos que demorou até a ambulância chegar pareceram-me cinco meses. Nunca na minha vida uma sirene de uma ambulância me fez tão bem e me acalmou tanto, já que normalmente o sentimento é o contrário. Quando os bombeiros me mandaram afastar, senti um alívio enorme por saber que o acidentado ficaria em boas mãos e aquele cenário de horror deixaria de estar a me atormentar. Ainda desejei ao senhor um, boa sorte e que tudo corra bem, mas a minha aflição era tanta que não sei se realmente saiu.

Mas, infelizmente, não foi só esse acidente que o inverno rigoroso traz á minha memória. Em Peniche, quando seguia para assistir ao sempre esplendoroso revolto mar no Cabo Carvoeiro e não saí do carro para ajudar num acidente que tinha acontecido há poucos minutos e porque não sou médico e estas coisas que envolvem a carne, sobretudo humana me provocam verdadeiro pânico, achei melhor não sair do carro e esperar que outros fizessem o que era necessário tanto

Futebol pelo futebol

mais que já estavam vários homens de volta do acidentado. Visivelmente era um motoqueiro porque a moto dele estava um pouco mais à frente, ainda no chão, aliás, tenho sérias dúvidas que alguém a conseguisse pôr em pé, naquele momento, tal era o estrago e a torção das suas ferragens, sobretudo as rodas. Como alguém dos homens que estavam de volta do acidentado acenava para mim insistentemente e com uma ligeireza aflitiva, desapertei o sinto que me prendia ao carro saí com alguma pressa, mas confesso que também com algum medo do que iria assistir. Os homens já liderados pelos bombeiros deram uma pequena abertura onde eu me encaixei e deram-me a tática que era muito simples, colocar o acidentado em cima da maca.

Quando olhei no chão estava um jovem deitado com o capacete ao lado da sua cabeça, que não falava muito, mas estava bastante apreensivo.

Achei um pouco estranho tanto aparato porque o jovem além de uns arranhões pelo corpo e o casaco e as calças com alguns rasgões e com algum sangue que nem seria demais para o aparato que estava a acontecer. O meu desespero veio quando iniciamos a manobra de colocar o jovem na maca da ambulância. À minha frente estavam os bombeiros com a parte esquerda do jovem e do lado direito estávamos todos nós, vários homens, cada um pegando uma parte do corpo do jovem. O meu coração

Futebol pelo futebol

quase parou quando à ordem de se iniciar a tarefa à instrução dada pelo bombeiro notei que o resto do corpo do jovem se mexeu, mas a perna direita ficou no chão como se estivesse separada do corpo. Aflito o bombeiro deu mais umas instruções e umas táticas para que a coisa corresse bem e foi feita mais uma tentativa e elevamos horizontalmente o corpo do jovem quase sem mexer da posição em que estava, com a perna direita, a tal que ficou aparentemente no chão, totalmente esticada e a esquerda em noventa graus. Felizmente a transferência correu bem apesar de alguns gritos do jovem perfeitamente normais e aceitáveis.

Quando a ambulância partiu demorei alguns minutos a restabelecer-me, mas demorei alguns dias, talvez meses ou anos para que aquele cenário não me atormentasse quase diariamente.

Por esses motivos e por mais algumas escorregadelas que tenho assistido me fazer ter muito medo de conduzir ou andar quando as ruas estão molhadas da chuva, de gelo ou da neve.

Sabe-se que o inverno, apesar de ser mais convidativo a se ficar em casa também é quando se dão mais acidentes na rua, sobretudo com automóveis e motos, atropelamentos, quedas e outras situações que surgem.

Futebol pelo futebol

Em São Pedro, pequena cidade a uns quilômetros da capital Lisboa, o inverno tinha passado e a primavera estava já bastante quente. Dizem os mais velhos que antigamente as estações do ano eram bem determinadas como se caracteriza o clima mediterrâneo, mas que agora tudo está mudado. Naturalmente, a fauna e a flora já não são as mesmas e obviamente a natureza reage a essas alterações.

Os imensos incêndios que têm assolado em Portugal e Espanha são disso prova. A floresta mediterrânea à base de pinheiros, sobreiros, azinheiros e outras árvores que caracterizavam a floresta na Península Ibérica praticamente deixaram de existir. Para se ver a terrível devastação total destas áreas, basta pensar que o próprio Pinhal de Leiria que foi mandado plantar por Dom Diniz foi consumido totalmente pelas chamas e que tinha resistido durante séculos. As pessoas não se podem queixar da natureza quando a tratam tão mal e sobretudo quando os crimes ambientais não têm uma punição equivalente à sua gravidade já que são atos criminosos contra a humanidade, tanto mais que muitos deles provocam mortos e feridos. A impunidade, evidentemente, é um incentivo ao crime em mentes que já são criminosas ou dementes. Justificar em tribunal que se colocou um fogo por problemas conjugais e ser mandado em paz é uma aberração que jamais deveria existir. Mas funciona mesmo assim.

Futebol pelo futebol

A primavera estava quente e linda com todo o mato, árvores e plantas a florescer com cores vivas e tão lindas que acompanhado do cantar de amor dos pássaros apetece ficar a apreciar por horas. Como a natureza, ainda que tanto agredida tem a capacidade de se regenerar a cada ano e cada vez de uma forma mais bonita. Os hinos de amor que as aves cantam demonstram que a ligação à vida é renovada e interminável.

MATA DO OLIVAL

Era relativamente cedo para um dia de sábado, mas o sol já iluminava bem toda a mata e todas as árvores do Olival. Também o calor primaveril fazia já lembrar os melhores dias de verão. Naquela época do ano a mata ficava extremamente bonita com todas as plantas a florir, com o chilrear dos pássaros, mostrando que a época do amor começara e que a vida iria ser renovada.

Apesar de ainda não serem dez horas já o movimento era enorme, com muitas crianças a brincar, os pais atrás delas para evitar quedas que pudessem machucar os seus tesouros, como se eles próprios se quisessem substituir ao anjo da guarda que normalmente toma conta das crianças ou, como diz o povo a queda de uma criança é sempre amortecida pela mão de Deus.

Outros passeavam os seus animais de estimação, sendo o mais usual os cães, mas havia sempre aquela jovem solitária que trazia o seu porquinho com uma trela algo comprida que permitia que se afastasse um pouco dela. Ela trazia invariavelmente uma manta esbranquiçada que estendia e enquanto lia o seu porco circulava à sua volta, deitando-se de vez em quando para o repouso que as suas banhas exigiam. Alguns cães achando anormal aquela criatura, ladravam insistentemente até que os seus donos os repreendiam e

Futebol pelo futebol

eles voltavam à sua rotina de passeio. Muitas crianças eram atraídas pelo animal diferente e vinham tentar fazer festas ao porco que não se mostrava muito sociável tendo a dona de o segurar para que as crianças pudessem passar a sua mão pelo lombo do reco. Este por vezes cochinhava demonstrando a sua antipatia, perfeitamente aceitável, pois, em teoria o porco não foi criado para ser um bicho sociável, embora a jovem, sua dona, obviamente, não pensasse assim.

Outras pessoas sentavam-se pelos bancos que estavam dispostos ao longo do caminho de terra batida a lerem os seus jornais diários. Os homens tinham nas suas mãos normalmente, os jornais desportivos com a antevisão dos jogos que decorreriam nesse fim de semana. Alguns grupos de homens discutiam acaloradamente as jogadas da semana passada e tentavam explicar a boa ou má performance dos seus clubes no campeonato. Por vezes parecia transparecer alguma agressividade a qual era imediatamente anulada por umas fortes risadas.

No bar de nome bem sugestivo, O Matagal, algumas pessoas tomavam o seu pequeno-almoço, tranquilamente, estes com uma postura bem mais calma e serena que os adeptos futebolísticos cujo sangue clubístico fervia nas suas veias sem controlo.

Alguns casais de jovens trocavam alguns beijos de amor enquanto saboreavam o seu pequeno-almoço, outros

Futebol pelo futebol

mais requintados escolhiam os bancos mais escondidos para trocarem os seus beijos e as promessas de amor eternas. Nesta fase da vida tudo é lindo e inequívoco, pena é que muitas vezes por falta de tolerância, por falta de compreensão de parte a parte o seu final é triste e deprimente. Mas é uma fase linda. Indubitavelmente.

Futebol pelo futebol

AS PERSONAGENS INICIAIS

A Mata do Olival era, por isso, uma floresta muito bem integrada na cidade de São Pedro, onde várias pessoas no fim de semana passeavam para sentir o ar puro que o vasto arvoredo fornecia assim como no final do dia de trabalho alguns aproveitavam para manter a forma física. Aos sábados e domingos de manhã juntavam-se muitos jovens para jogar à bola no campo relvado que existia e onde se podia ver boas jogadas de bom futebol por ali.

Também por ali passeavam três senhores de meia-idade, bem parecidos e que visivelmente estavam bem na vida, pois se vestiam de uma forma algo elegante. Também era notório que eram pessoas conhecidas em São Pedro, porque eram cumprimentados por muitos transeuntes com um, bom dia senhor doutor, ou, bom dia senhores doutores.

Os três respeitáveis senhores, a todos respondiam educada e sistematicamente com um bom dia simpático e educado.

Tratava-se efetivamente de três dos mais respeitáveis cidadãos de São Pedro, o Dr. Regêncio, o Dr. Saltitão e o Dr. Valdemar.

Futebol pelo futebol

O Dr. Regêncio é dono da maioria das indústrias que existem no Parque Industrial de São Pedro. Herança que foi fortemente ampliada pela sua inteligência e perspicácia nos negócios. Homem inteligente, calmo e com uma capacidade enorme para falar em público conseguindo cativar plateias com temas banais de uma forma brilhante e capaz de transformar um negócio aparentemente sem grandes chances de sucesso em lucros altamente admiráveis. Falando fluentemente além da sua língua nativa o inglês e o francês tão necessários nas suas viagens pela Europa e que treinou particularmente, enquanto jovem, utilizando o bilhete especial de trem que existia na sua época, especialmente, para jovens. Apesar da enorme fortuna que tinha, já na altura da sua juventude, preferiu pegar numa mochila e percorrer Espanha, França, Itália, Inglaterra, Alemanha e tendo estado na península escandinava onde sentiu um frio que jamais esqueceu. Noutra época conseguiu visitar a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas nomeadamente a bonita cidade de Moscovo além de alguns países como Polónia e Checoslováquia. Muitas vezes diz que essas duas viagens foram fundamentais para abrir a sua mente de jovem rico em um país, na época bem atrasado e a viver uma ditadura militar extremamente poderosa e controladora. Nessas duas visitas apercebeu-se de como os povos são diferentes, não melhores nem piores, mas bastante diferente sendo fundamental primeiro ouvir,

Futebol pelo futebol

entender, interiorizar a forma de cada um estar para se poder integrar. Conta o Dr. Regêncio que normalmente dormia nos comboios e durante o dia visitava as cidades. Em Paris, tal como aconteceu em Londres, resolveu ficar uns dias e quando chegou por já ser noite tardia resolveu ficar junto ao Rio Sena, perto dos Jardins do Trocadéro, junto à Rua Le Nôtre. Era uma rua simpática que lhe fazia lembrar a avenida Manuel da Maia junto ao Instituto Superior Técnico, na Alameda Dom Afonso Henriques, em Lisboa.

Estava um friozinho agradável e fechando o seu casaco almofadado colocou o capuz, fez da mochila um encosto, aconchegou-se e mergulhou no sono. Hé mec, tu ne peux pas dormir ici. A primeira vez que ouviu a frase nem pensou que fosse com ele tão profundo era o seu sono, mas da segunda vez ela veio acompanhada de um pequeno toque no joelho que o fez despertar. Lentamente levantou os olhos, retirou o cachecol que lhe cobria o rosto e olhou para cima e sobre ele estava um polícia de cara simpática, risonho e até divertido. Desculpe, não entendi, disse Regêncio no seu melhor francês. Tu ne peux pas dormir ici repetiu o polícia. Regêncio achou graça à forma encapuchada como o polícia estava e explicou que estava em passeio e que como chegou tarde não teve possibilidade de arranjar uma pensão para ficar. O polícia pediu a sua identificação, tendo ele mostrado o passaporte

Futebol pelo futebol

que o polícia analisou superficialmente e retorquiou, Pas de problème, viens avec moi.

Naquela época não existia uma União Europeia e qualquer cidadão para circular em qualquer país estrangeiro, mesmo sendo um país europeu, tinha obrigatoriamente de ter o passaporte. Regêncio tinha o dele e como já tinha a situação militar resolvida não houve qualquer problema. Efetivamente a União Europeia trouxe aos cidadãos europeus um conforto e uma aproximação nunca antes vistos e que só veio a facilitar o crescimento global de todos os países europeus, tanto mais que os países mais pobres foram grandemente ajudados pelos países mais fortes e mais bem organizados e estruturados.

O país de Regêncio continuava a manter uma guerra com as províncias ultramarinas que já não fazia grande sentido, pois todos os restantes países europeus tinham já entregado as suas colônias aos nativos e não era razoável manter-se uma guerra tanto mais que a grande maioria da juventude não tinha qualquer afinidade com esses lugares distantes e iam lutar unicamente por dever à sua pátria, mas, na sua maioria sem grande motivação. Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé, Cabo Verde, Macau e Timor tinham os seus cidadãos naturais com capacidade e vontade de tomar as rédeas das suas nações e em mil novecentos e sessenta e um quando se iniciaram os grupos armados a ditadura deveria ter tido a

Futebol pelo futebol

capacidade de ver mais longe e fazer de imediato uma descolonização negociada, gradual e não tão violenta e sem preparação como foi em mil novecentos e setenta e cinco após a reinstalação da democracia. Países ricos como Angola e Moçambique tornaram-se tristemente dos mais pobres do mundo deixando uma lágrima no canto do olho quando se veem aquelas crianças com fome e maltratadas.

O polícia levou Regêncio até uma espécie de albergue onde pernitoiu. De manhã reparou que no local onde pernitoira havia muitos vadios, homens da rua, os chamados sem abrigo. Levantou-se pegou na mochila e dirigiu-se ao banheiro comunitário que tinha uns chuveiros de água quente. Um banho quente naqueles dias era importante, porque sinceramente ele não sabia quando voltaria a tomar banho. Tranquilamente, despiu-se e entrou no balneário comum onde notou que dois jovens a um canto falavam baixo, mas numa língua perfeitamente conhecida por ele, o português. Aproximou-se deles e apresentou-se, Regêncio.

Os dois fizeram de imediato sinal para ele falar baixo o que o fez dar uma olhada rápida à sua volta e não se apercebendo de nada de anormal, encolheu os ombros e perguntou, o que se passa? Eles apresentaram-se, Ricardo e João e somos irmãos. E tu também deste o salto? Embora Regêncio não soubesse muito bem como isso funcionava sabia que quando se referia ao salto se falava da situação

Futebol pelo futebol

de quando jovens do sexo masculino, para fugirem ao serviço militar, tropa vulgarmente chamada, abandonavam ilegalmente o país, já que a saída só se poderia dar com a situação militar resolvida. Vocês deram o salto? Espetacular! XIUUUUUUUU! Disseram ambos simultaneamente. Mas porquê não está por aqui ninguém de especial, só nós, alguns jovens e sem abrigo, qual é o problema? Se a polícia se apercebe devolve-nos ao nosso país e aí somos presos por desertar, explicou Ricardo. Se formos repatriados estamos fodidos. Ok, disse Regêncio não compreendendo a situação, mas ficando solidário com eles.

Saíram do albergue e Ricardo e João explicaram como tudo aconteceu. O nosso tio mais novo, irmão do nosso pai, foi enviado para Angola e não voltou mais, então os nossos pais resolveram nos enviar para Paris onde temos uma tia, irmã da nossa mãe que já vive cá há alguns anos. Nós, não temos passaporte pelo que se formos apanhados pela polícia somos considerados foragidos e somos devolvidos à procedência. Aí 'tás a ver! Prisão. O problema é que nem temos dinheiro para comprar um pão, foi todo embora, muito menos para apanhar um táxi ou um transporte para onde a nossa tia vive. Mas, interrogou Regêncio, intrigado com a situação, como passaram a fronteira? Como enganaram a polícia fronteiriça do nosso país e de Espanha e França? Não. Esperem, continuou Regêncio vamos tomar o pequeno-

Futebol pelo futebol

almoço, eu pago e vocês contam-me tudo. Todos concordaram e foram à procura de uma padaria, mas escolheram entrar numa *croissantaria*.

Já com uns croissants nas mesas e uns cafés com leite bem quentinhos eles iniciaram a sua história, mas sempre em voz bem baixa, quase sussurrando o que obrigada Regêncio a inclinar-se na mesa para os ouvir, ou para o lado de Ricardo ou para o lado de João conforme o que contava a história e o outro comia sofregamente o croissant, pois era notório que já deveria haver alguns dias que não comiam bem.

Fomos de trem até Vilar Formoso com o nosso pai o qual tratou de tudo com o pessoal de lá. Pagou e despedimo-nos. Foi o dia mais triste das nossas vidas. Quando deixamos a nossa mãe já foi duro, mas o velhote estava connosco, mas nesse dia ficamos por nossa conta e risco e além do medo foi a sensação de abandono que nos deitou abaixo. Nessa noite nem dormimos, só choramos. Que idade têm vocês? Ricardo tomou a palavra, eu tenho dezassete e o João está quase a fazer os dezasseis. Ficamos numa pensão e era um senhor que nos havia de avisar pois a travessia da fronteira teria de ser em altas horas da madrugada, em dia bem escuro.

Tivemos dois dias sem qualquer notícia até que no terceiro dia, a senhora da pensão disse, o senhor esteve cá e vocês vão embora esta noite. Nós ficamos preocupados

Futebol pelo futebol

por aquela senhora também saber, mas ela, apercebendo-se disse, não se preocupem filhos, a quantidade de jovens como vocês que passa por aqui é enorme. Que sejam felizes e tenham muito cuidado. Um conselho de uma velha, não confiem em ninguém. A vossa própria sombra pode encobrir um malfeitor. Os rapazes levaram esses conselhos à letra e estavam realmente admirados como estavam a confiar em Regêncio, mas como sentiam confiança nele continuaram enquanto os croissants iam ficando reduzidos a poucas migalhas nos pratos. Foi assim, dizia João, ainda muito entusiasmado pelo sucesso da sua aventura. Saímos da pensão por volta da uma hora da madrugada e conforme instruções levávamos roupas escuras e uma lanterna pequena de mão.

O senhor que nos ia ajudar deu-nos poucas instruções. Andar sem fazer ruído, sem falar e só obedecer às suas ordens, para – para pararem, luz – para desligarem a luz ou voltar a ligar, baixo – para se abaixarem e ficarem quietos, deita – para se deitarem onde realmente estivessem e xiu – para silêncio total. Foi agora a vez de Ricardo se entusiasmar e continuar, eram para aí já três da manhã largou-se uma chuva e uma trovoada. Os relâmpagos iluminavam tudo por entre os pinheiros, era terrivelmente assustador. Não era permitido chapéu de chuva, sombrinha ou o que quer que fosse. Tínhamos umas capas que se rasgaram de tal modo que as jogamos fora. O tal senhor José, o passador, disse baixinho, que

Futebol pelo futebol

sorte. Olhamos um para o outro e não entendemos, mas ele explicou, assim a polícia não mete tanto o nariz na rua. A determinada altura numa aberta do pinhal o José parou e disse, o meu trabalho está feito, a partir daqui é convosco. Já estamos em Espanha e agora já sabem como fazer, andar por estradas secundárias, não peçam ajuda a qualquer pessoa. Tentem arranjar carona, mas de carros com chapa francesa. Eles são mais recetivos à fuga do serviço militar que os espanhóis que ainda eram dominados pela ditadura franquista. Chegamos a Fontes de Onor e sabíamos de tínhamos de procurar o Sr. Fuentes. Pouco tempo depois de iniciarmos a procura ele apareceu. Um homem baixo e gordo de camisa de quadrados que mal conseguia segurar a volumosa barriga. Mis hijos vienen aquí e levou-os para casa dele. Come y bebe a tu gusto porque el viaje será largo. Amanhã o Antônio passa por aqui bem cedo e leva-vos.

Regêncio estava admirado com toda aquela organização e perguntou. Quanto vocês pagaram por tudo isso? João que era mais afoito respondeu de imediato. O nosso pai pagou mil e quinhentos escudos por cada um de nós, três mil escudos? Três contos? Caramba! Exclamou Regêncio. Mas, espera que a história não fica por aqui, continuou João. Mal o dia nasceu já o tal caminhoneiro estava pronto para nos levar.

Futebol pelo futebol

Subimos para a camioneta que transportava louças de uma fábrica do Alentejo e ele estendeu-nos duas camisas e ordenou, vistam-nas e foi explicando até chegarmos à fronteira coma França vocês vão aqui comigo e se alguém perguntar são meus auxiliares para as descargas, mas quando formos passar a fronteira com a França o luxo acabou têm que passar num esconderijo que a camioneta tem lá atrás. Não é nada de especial, mas como não é muito tempo dá para aguentar. Nós concordamos. Paramos algumas vezes e sempre que isso acontecia ele queria que nós pagássemos também as despesas dele e ele comia bastante. O dinheiro que trazíamos connosco começava a escassear. Quando chegamos à fronteira entre Espanha e França lá fomos para o esconderijo. Uma caixa que estava camuflada entre o fundo da caixa de transporte e a cabine dificilmente detetável a olho nu. Passamos o frio pior das nossas vidas, pela primeira vez os dois tremíamos descontroladamente. Que frio aquele.

Quando me lembro parece que ainda sinto os ossos a congelarem. Passadas algumas horas a camioneta parou e ficamos a tentar ouvir o que se passava. De repente a porta se abriu e o calmeirão do Antônio surgiu com um sorriso enorme no rosto. Pronto, meninos chegamos à civilização. Estamos em Paris? Perguntamos. Ele respondeu que não, que a função dele era colocar-nos no lado de dentro de França, para nos levar a Paris seriam

Futebol pelo futebol

mais quatrocentos escudos. Nós tínhamos contado o nosso dinheiro e só tínhamos trezentos e vinte escudos. Mas, senhor Antônio só temos trezentos e vinte escudos e os nossos familiares estão em Paris. Bom, lá tenho de vos fazer um desconto. E ele trouxe nos até aqui. Chegamos anteontem já tentamos procurar a nossa tia, mas sem dinheiro está difícil. Que grande filho da puta foi esse Antônio retorquiou Regêncio. Sabes? Disse Ricardo, foi realmente, mas foi ele que nos deixou aqui. Comemos alguma coisa e não dormimos na rua.

Nessa altura Regêncio não se conseguiu controlar e soltou uma forte gargalhada, pois eu não tive a mesma sorte, dormi na rua e foi um polícia que me trouxe para aqui. Bom, disse Regêncio. Eu acho que posso ajudá-los. Mostrem-me a morada da vossa tia e eu vou lá convosco de táxi. De táxi? Exclamaram os irmãos simultaneamente. Sim porquê? Foi então altura de Regêncio explicar o que fazia por ali. Quando terminou, João sempre com a língua bem afiada disparou, hum! menino de copo de leite, temos aqui um menino do papá.

Saíram os três rapazes da croissantaria e tentaram arranjar um carro. Não demorou muito tempo e logo um parou. Regêncio disse no seu francês, veuillez nous emmener à cette adresse? s'il te plait. O homem tinha-os ouvido falar e disse, vocês são portugueses? Ricardo e João preparavam-se para fugir quando Regêncio disse,

Futebol pelo futebol

calma malta. Este nosso conterrâneo não vos vai fazer nada, ao que o taxista respondeu, vocês deram o salto? Pois eu também o fiz. Fugi daquela guerra estúpida o do nosso atraso político. Sabem sou comunista. Ricardo e João ficaram quietos. Para eles comunistas eram aquelas pessoas que comiam criancinhas no café da manhã. O taxista interrogou. Quem mora lá? Como Ricardo e João ficaram calados Regêncio respondeu, a nossa tia. O taxista continuou. Bom aquilo não é o sítio mais bonito do mundo, mas é melhor que ir para o ultramar matar pessoas para não ser morto. Regêncio perguntou, mas, afinal onde fica.

O taxista com ar triste e melancólico disse, Bidonville. Conforme o táxi entrava naquelas ruas sujas e estreitas os irmãos tomavam conta de uma situação nada agradável onde a tia vivia. Uma enorme favela à entrada de Paris. Bom, rapazes a partir daqui têm de ir a pé. O carro não passa, mas é só subir esta rua. Regêncio perguntou, quanto devemos ao senhor, ao que o taxista respondeu, mal seria que eu fosse cobrar a portugueses nas vossas condições. Ricardo, João e Regêncio agradeceram e começaram a subir o morro e iam perguntando, Maria dos Anjos?

Poucos momentos depois sai uma senhora gorda com uma bata toda cheia de quadradinhos com um avental por cima. Era a tia Maria dos Anjos, mulher

Futebol pelo futebol

alegre, simpática de um coração tão grande que cabia lá este mundo e o próximo. Quem é este jovem? Perguntou a senhora. Ricardo respondeu foi quem nos ajudou, e muito, a chegar aqui. A senhora então colocou-se atrás dos três jovens e foi empurrando para dentro. Vamos, vamos comer alguma coisa.

Dona Maria dos Anjos serviu umas papas de grelos ou papas laberças para acompanhar uns bolinhos de bacalhau que deixaram Regêncio louco. Saboroso e revigorante. Nos pratos vazios Dona Maria dos Anjos colocou um fio generoso de azeite e despejou dentro dele uma espécie de papa de farinha com grelos e no meio da mesa uma travessa cheia de bolinhos de bacalhau. O pão e o vinho tinto completavam o repasto. Regêncio nunca tinha comido nada assim e acabou por repetir a refeição. Que delícia aquelas papas de grelos. Ainda trouxe para a mesa umas sardinhas de escabeche que tinham restado do jantar de ontem e que tinham um cheiro que Regêncio teve pena de já não ter hipótese de comer mais. Para sobremesa veio um pão de ló acompanhado de um café.

Ficaram por ali à conversa e quando deram pelo tempo já passava das dezasseis horas. Regêncio disse, tenho que me pôr a andar porque ainda quero ir visitar algumas coisas hoje. Dona Maria dos Anjos pediu, fique cá hoje, a nossa casa é pobre, mas pode cá ficar. Aliás, enquanto cá estiver pode ficar connosco. Regêncio ainda

Futebol pelo futebol

pensou no convite hospitaleiro da senhora simpática, mas a Bidonville ficava completamente fora de mão para quem estava ali para conhecer Paris. Fique só até o meu Antônio chegar implorou Maria dos Anjos, mas Regêncio não queria ficar até tão tarde. Grandes e fortes abraços com pancadas bem fortes nas costas entre Ricardo, João e Regêncio, tendo a noção que, provavelmente jamais se voltariam a ver.

Já o Dr. Saltitão tinha tido uma vida menos viajada, mas não menos intensa. Sempre um aluno brilhante tinha como objetivo principal da sua vida ser médico, tal como o seu pai fora. Praticamente não teve juventude pois desde muito cedo o objetivo era alcançar os dezoito virgula três valores de média que o curso de medicina exigia. Muitas vezes amigos lhe telefonaram a perguntar se queria sair, mas a resposta era invariavelmente a mesma, não porque tenho de estudar e tenho um exame daqui a uns dias. Alguns ainda tentavam demovê-lo da enclausura dizendo, mas só é daqui a uns dias? Vamos lá curtir um pouco da noite. Mas nada o fazia demover. Tirou o seu curso, especializou-se em ortopedia, casou com uma colega do curso de medicina, teve cinco filhas e finalmente quando já quase perdia a esperança nasceu o rapaz, o Tita que também era bom de bola e lá andava com os outros na jogatana na Quinta da Mata.

Futebol pelo futebol

O Dr. Saltitão é uma daquelas pessoas que nasceu para a sua profissão. Faz vários quilômetros diariamente para poder trabalhar e para poder dar as suas aulas.

Como passou uma juventude de estudo, o Dr. Saltitão, ingressou na faculdade fez o curso que durou seis anos com mais três anos de especialização e imediatamente a seguir se casou tendo tido logo a primeira filha, acabando por não ter uma juventude muito normal de folia. Conforme ia tendo dinheiro investia na sua profissão tendo aberto três clínicas ortopédicas e um centro de reabilitação motor com fisioterapia e outros serviços ligados a ortopedia. Tal como o Regêncio também gosta imenso de futebol, como eles dizem, do bom futebol independentemente do seu clubismo. Futebol pelo futebol. Muitos passeios pela mata do Olival tinham como tema principal a jornada do campeonato que decorreria no fim de semana próximo ou os comentários da jornada passada, sempre acompanhada de grandes risadas, de um pouco de provocação clubística e muito, muito humor.

O Dr. Valdemar, por seu lado, formou-se em Direito e sempre foi uma pessoa muito divertida um *bon vivant*. Nunca conseguiu se separar do seu cabelo comprido e de uma barba sempre bem aparada. Tirou curso de Direito com boas notas, mas como ele gosta de dizer, gosta tanto de estudar que em vez de fazer o curso

Futebol pelo futebol

nos cinco anos, o tempo que o curso demoraria, acabou por lá andar sete anos.

Fez parte de todas as atividades políticas e sociais que existiam, foi presidente da Associação de Estudantes, foi sempre delegado de turma teve e mantém uma intensa atividade política sempre ligado à esquerda. Gosta de fazer umas boas noitadas preferencialmente bem acompanhado e se for necessário pode ser acompanhado pelos livros já que não se importa de estudar. Além do curso de Direito com especialização em Direito desportivo fez o seu doutoramento também sobre o mesmo assunto tendo a sua tese sido publicada em várias revistas e jornais nacionais e estrangeiros do ramo jurídico, continuando sempre a ser consultado quando existem questões polêmicas e jurídicas sobre o tema.

Teve um filho que mora com a mãe em uma cidade brasileira no interior do Estado de São Paulo. Poucas vezes falam, mas quando isso acontece a relação é cordial. Kuka tem bastante aptidão para o futebol, mas a mãe que é filha de uma família tradicional de fazendeiros prefere que ele acabe o curso superior em engenharia agrônoma do que andar por aí aos chutes na bola.

Dr. Valdemar nunca casou e a relação com Luana foi eventual numa noite louca em Porto Santo. Valdemar e Luana estavam de férias e encontraram-se no único bar existente naquela época na ilha, o Moinho e depois de